

*

editorial

madalena manzoni palmeirim

O homem do poder é normalmente desinteressado da arte, excepto se ela lhe doura esse poder. Vergílio Ferreira

The man in power usually shows no interest in art, unless it makes that power glow golden. Vergílio Ferreira

A causa que este número põe em marcha tem um rosto marcado. Da capa às entoadas finais o abalo político, financeiro e cultural parecem assinalar o andamento desta edição. O protesto parte de Nova Iorque com uma figura de acção e com as palavras de denúncia do movimento *Occupy Museums*. A este colectivo, que surgiu em 2011, inspirado na iniciativa *Occupy Wall Street*, propusemos que ocupassem a nossa capa – o nosso papel mais resistente – aqui reapropriada pelas nossas designers Catarina Vasconcelos e Margarida Rego. Também na secção *Por Fora* o crítico de teatro belga, Wouter Hillaert, relata a súbita explosão de encenações que dão corpo à espectacularidade da crise económica a que assistimos no nosso dia-a-dia, desde a crise financeira de 2008. A fechar esta secção um texto diarístico da alemã Alex Hundt, que durante 2011 deambulou pela América, terra dos sonhos e oportunidades, oferecendo-nos o seu olhar circunscrito sobre o caminho que então percorreu.

Do cinema americano nasce a secção *Ensaaios*, com uma análise do filme realizado por David Lynch em 1980, *The Elephant Man*. Isabel Fernandes, directora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa, dá-nos conta do processo de adaptação cinematográfico de David Lynch a partir do caso clínico de Joseph Carey Merrick, mais conhecido como o “homem

The cause set in motion in this issue has a clear-cut face. From the front cover right through to the final phrases, the political, financial and cultural shocks set the pace of this edition. The protest starts out from New York with a call for action and the accusative words of the *Occupy Museums* movement. We have invited this collective, which began in 2011 inspired on the *Occupy Wall Street* initiative, to occupy the cover – our most resistant paper - here re-appropriated by Catarina Vasconcelos and Margarida Rego, our designers. Also in our *From abroad* section, Belgian theatre critic Wouter Hillaert reports on the sudden explosion of productions that tackle the economic crisis which has become the spectacle of our daily lives as of the financial crisis of 2008. Closing this section there is a diaristic text of German writer Alex Hundt, who in 2011 wandered throughout America, land of hope and opportunity, offering her circumscribed perspective on her travels.

The *Essays* section stems from American cinema, bearing an analysis of David Lynch's *The Elephant Man* (1980). Isabel Fernandes, head of the University of Lisbon Centre for English Studies, tells us of the process of David Lynch's adaptation to cinema of the clinical case of Joseph Carey Merrick (better known as the “elephant man”). Based on historical and scientific reports, Lynch constructed an intertext

elefante”. Com base em relatos históricos e científicos, o intertexto que Lynch constrói constitui um retrato alegórico da sociedade vitoriana, uma exposição da violência do olhar público e do olhar cinematográfico. Também o voyeurismo e o retrato da violência social servem como pano de fundo ao ensaio de Sandra Bettencourt, investigadora do Centro de Estudos Comparatistas. Partindo de uma rede de relações entre o discurso social e artístico presentes nos *Ensaaios* de José Saramago e nas intervenções artísticas do grupo anónimo “luzinterruptus”, expõem-se as noções de vigilância e medo, verdade e manipulação, em particular, no espaço ibérico.

Na secção *Por Dentro* dá-se a conhecer a colaboração entre a bailarina e coreógrafa Sara Anjo e o fotógrafo Isaac Pereira no espectáculo “Paisagens Líquidas ou Não”. São aqui reproduzidas algumas das fotografias que resultaram desse encontro casual, juntamente com os textos-eco de cada um, fortemente marcados pela singularidade de um espaço como o de um lavadouro público. Por fim, a Margarida Vale de Gato ocupa-se das palavras com o artigo “A poesia é o resultado de uma perfeita economia das palavras”, um exercício de mais dizer com menos falar. Mas não são só palavras o que aqui deixamos. As palavras “têm sangue”, as palavras têm dedos que apontam e nomeiam, as palavras têm na boca a significação e o entendimento do real através do qual somos capazes de fazer ver o que antes não víamos. Não tendo a *Cine Qua Non* um objectivo temático, o conjunto de textos que se reúnem neste número constituem um testemunho do poder inquisitivo e congregador das artes. Atentos ao estado do mundo e questionando as directivas e as políticas institucionais, estabelece-se um campo discursivo capaz de convocar novos horizontes, variáveis com a altura de cada um.

that constitutes an allegorical portrait of Victorian society, an account of the violence of the public eye and cinematographic gaze. Voyeurism and a portrait of social violence also serve as a backdrop to the essay of Sandra Bettencourt, researcher at the Centre for Comparative Studies. Starting from a network of relations between social and artistic discourse as found in the *Essays* of José Saramago and the artistic interventions of the anonymous group “luzinterruptus”, Bettencourt extracts the notions of vigilance and fear, truth and manipulation, namely within the Iberian space.

In the *Inside of* section, we present a collaboration between dancer and coreographer Sara Anjo and photographer Isaac Pereira in “Paisagens Líquidas ou Não” [“Liquid Landscapes or Not”]. We there reproduce some photographs of that casual encounter, together with the echo-texts of each, strongly marked by such a singular space that is a public wash house. Finally, Margarida Vale de Gato deals with words in her article “Poetry is the result of a perfect economy of words”, an exercise in saying more with less. But it is not only words we leave you with here. Words “have blood”, words have fingers that point out and name, words have in their mouth signification and real understanding, through which we can let see what we could not see before. Given that *Cine Qua Non* does not keep to a single theme, the set of texts contained in this issue testify to the inquisitive and gathering power of the arts. Keeping a close eye on the state of the world and questioning institutional guidelines and policies, a discursive field is set up, capable of summoning new horizons that vary according to the height of each.

Translated by Bernardo Palmeirim